

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde, Barão, 50 — Lisboa.

16 DE MAIO DE 1910

N.º 272



Eduardo VII

Rei da Grã-Bretanha e Irlanda e Imperador das Índias

(† a 6 de maio de 1910)

Eduardo VII — Jorge V Marechal Hermes da Fonseca Centenario de Herculano

Foram estes os acontecimentos que nos últimos dias decorridos dominaram, uns a attenção mundial, outros a nossa, a portugueza. Todos elles são acompanhados de gravuras que enchem algumas paginas d'esta Revista, a qual, por meio da arte, fixa e perpetua tudo aquillo que n'um momento historico preoccupa e interessa a humanidade.

Alegres ou lutosos todos os grandes acontecimentos, ou marcam uma época ou assignalam poderosamente um dos seus periodos. E são de molde a perpetuar a recordação do anno de 1910 todos aquelles que a photogravura largamente reproduz n'este numero do *Brasil-Portugal*.

Entre todos avulta o da morte de Eduardo VII e o da elevação de Jorge V ao throno de Inglaterra.

O rei pacificador, como ficará cognominado na Historia, deixou na

civilisação mundial um vacuo impreenchivel. Elle fez mais pela paz e para a paz do mundo do que todos os governos e todas as chancellarias. Era um homem extraordinariamente intelligente, extraordinariamente perspicaz e extraordinariamente bom. Das suas aventuras, da sua vida no grande mundo, da sua mocidade, em summa, da existencia facil e doirada do esvelto, do garboso, do elegante Principe de Galles, trouxe para a sua alta situação, e para as suas graves responsabilidades de chefe de Estado, o conhecimento dos homens, o convivio permanente não só com os seus concidadãos, mas com todos aquelles que nos paizes que visitava tinham um nome illustre ou eram alguém. Quem vendo-o passar o não conhecesse, tudo poderia imaginar menos que sob aquella apparencia bondosa, com aquelle olhar, azul e placido, e aquelle porte despretencioso, palpitava um coração cheio de amor ardentissimo da sua pátria, e um cerebro que dir-se-ia organizado para ver de chofre e resolver de prompto qualquer dos grandes e graves problemas de politica internacional. Ninguem diria, vendo-o desacompanhado das pompas da magestade, que estava alli o chefe supremo do maior imperio que tem sonhado até hoje a ambição de uma nacionalidade.

Estadista de polpa, politico de alta esphera, comprehendeu rapidamente ao ascender ao throno que não convinha á Inglaterra a orientação politica até ahí seguida sob o ponto de vista das suas relações ex-

O marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito da republica do Brasil, em Lisboa



(Cliché de J. Benoit). — O marechal Hermes da Fonseca e o ministro do Brasil em Lisboa, dr. Costa Motta



(Cliché de J. Benollet).

O marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito da Republica do Brasil em Lisboa

A bordo do Araguaya: — Consiglieri Pedroso, presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, Fernando de Sousa, presidente da Sociedade de Propaganda de Portugal, Feio Terenas, dr. Vicente Ferrer, general Sousa Aguiar, Nogueira Pinto, marechal Hermes da Fonseca, conde de Mattoinhos, Costa Motta, ministro do Brasil, dr. Eusebio Leão, a esposa do marechal Hermes e outras pessoas.

teriores, que lhe podia ser nefasta a chamada politica do isolamento, e desde então nunca mais poz de parte a idéa de estabelecer accordos e aproximações entre o seu e os outros paizes. E o intermediario, o arbitro, o diplomata, o negociador, era elle, elle proprio, o chefe do Estado, que mais de uma vez deveu ao seu encanto pessoal grande parte do exito alcançado para o seu paiz.

Tal foi o homem illustre, o monarcha exemplar, o admiravel cidadão, cuja morte a humanidade pranteia n'este momento, perante cujo athaúde se curvam cheias de respeito e de saudade todas as nações do globo, e cujo desapparecimento representa uma grande perda para Portugal, que elle captivou com as suas deferencias, tres vezes honrou com a sua visita, mais ligou á Inglaterra com a renovação das nossas tradicionaes allianças seculares, e tratou, em summa, com tal affecto e com tão subida consideração, que mais parecia um compatriota nosso, que tivesse por fim exclusivo augmentar-nos e engrandecer-nos aos olhos de extranhos.

Não podia por isso ser mais justa nem mais acertada a resolução de El-Rei e do seu governo. Hoje mesmo partiu para Londres o augusto chefe de Estado que representando Portugal vae tomar parte n'esse grandioso e imponente cortejo de monarchas, que constituirá o sequito funebre do cadaver de Eduardo VII.

Jorge V já disse na sua proclamação que continuava a obra de seu pae. E' um principe intelligente, estudioso, concentrado, patriota, um exemplar chefe de familia, um antigo e brilhante official da marinha ingleza. Tudo leva a crer que será um soberano digno do grande nome que herdou, da missão que é chamado a desempenhar, e da poderosa nação a cujos destinos tem de presidir. E' de crer que o nosso paiz lhe mereça as mesmas attencões e a mesma estima que de seu venerando e chorado pae recebemos. Não podem, pois, n'este momento, ser outros os nossos votos. Que Jorge V seja um amigo de Portugal como o foi Eduardo VII!

Poucas horas se demorou em Lisboa o marechal Hermes da Fonseca, na sua passagem para a França e para a Suissa. E contudo cumularam-o de affectos e de deferencias portuguezes e brasileiros. Offereceram-lhe brindes artisticos e valiosos, ramos de viçosas flores foram dados a sua nobilissima esposa, aggregiações e particulares disseram-

lhe em palavras eloquentes que cada vez se estimavam e queriam mais o Brasil e Portugal, e o ministro do seu paiz, e a commissão constituída por compatriotas seus aqui residentes, e portuguezes que querem de-véras á sua patria, todos enfim, cercaram, n'essas poucas horas, de taes sympathias, e de taes carinhos o presidente eleito do Brasil e sua esposa, que quaesquer que sejam os accidentes e acontecimentos que as-



A bordo do Araguaya. — Um grupo de pessoas que foram cumprimentar o marechal Hermes da Fonseca, e entre ellas um dos directores d'esta Revista, correspondente do Jornal do Brasil, em Lisboa.

(Cliché de A. C. Lima).



(Cliché de J. Benolle).

O marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito da Republica do Brasil, em Lisboa

Desembarcando do Araguaya: — Mayer Garção, dr. Vicente Ferrer, dr. Magalhães Lima, marechal Hermes da Fonseca, mademoiselle Costa Motta, Santos Tavares e Amelio de Barros

signalem a sua futura situação, como o primeiro magistrado da nação brasileira, nunca elle poderá esquecer que d'este lado do Atlantico, n'este extremo occidental da Europa, ha um pequeno povo que entre todos os grandes se destaca pelo amor que vota ao Brasil, ao engrandecimento e ao progresso da patria brasileira.

•••

Com o vasto e luzido cortejo que conheceis, terminaram as festas em honra de Alexandre Herculano. Se não foram tão grandiosas como o exigia o nome altissimo do Historiador, a fama do philosopho, as tradições do erente, a magestade do poeta, o oiro de lei d'esse grande character, se ellas não corresponderam ao que visionavam todos aquelles que queriam o nome de Herculano aureolado por todas as apotheothes partindo de uma sociedade inteira, sem exclusões de classes, de facções ou de seitas, foram ainda assim a manifestação eloquente de que vae augmentando, ao passo que o tempo vae correndo, a figura do escriptor egregio, e que são eternamente verdadeiros e suggestivos os versos do poeta

*O sabio não vae todo á sepultura,
Na memoria dos homens vive e dura.*

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Um sonho antecipado

A cinco dias do Cometa de Halley tive um sonho, e, sonhando, escrevi isto, que hoje de manhã, 14 de maio, encontrei sobre a minha meza de trabalho. Vae tal qual. Sonhei que estavamos no dia seguinte ao da horripilante catastrophe... que não será. Ahí está a razão da data de 19 de maio.

«Quinta feira, 19.

Viu, D. Dorothea, viu, minha querida senhora? E então?... Então, qual de nós tinha razão? Eu ou V. Ex.ª? Hein?... Vá, confesse, confesse, para seu estigmo e para se desobrigar do negro peccado que commetteu chamando-me hereje e outros nomes feios.

Hontem á noite, por volta das onze e meia, quando fechei o volume dos Sermões de Bossuet em que lêra a predica do dia de juizo, e apaguei a luz, lembrei-me da minha querida D. Dorothea. Pode crer que me lembrei. Palavra de amigo e pessoa honrada. Disse comigo: «A



À esquerda madame Hermes da Fonseca, (Cliché de A. C. Lima). à direita madame Aguiar



Centenario de Alexandre Herculano
No Porto. — O CORTEJO CIVICO

1. Camara Municipal — 2. Pessoal superior da Camara — 3. Associação Commercial — 4. Direcção do Atheneu Commercial — 5 e 6. Associação dos Jornalistas e Homens de Letras — 7. O cortejo passando em frente da Bibliotheca Municipal.

(Clichés de Aurelio da Paz dos Reis).

estas horas está a pobre D. Dorothea toda transida de medo, em lagrimas, de joelhos, passando as contas do seu rosario, resando afflictivamente no oratorio d'aquella gasalhadora casa de Fermentellos, encomendando a Nossa Senhora a sua alma pura, julgando-se a pouquissimas horas da morte, contando morrer asphixiada com os gazes da cauda do cometa, sem um ai, sem tempo de dizer «Jesus, Senhor, valei-me!» Pobre senhora, pobre e querida amiga! Se ninguem lhe tira aquillo da cabeça!... Consola-me, porém, a ideia, de que quando o sol romper e o cometa tiver desaparecido, ella dará um d'estes suspiros de allivio de commover uma fera.»

Ora o sol já appareceu, D. Dorothea. Aqui, na minha rua, ahi, em Fermentellos. E tão brilhante, tão brilhante, que a tudo empresta um verniz de coisa nova. Ora não poder eu chamar a sua attenção para isto, D. Dorothea! O mundo não só não acabou como até parece melhor que hontem. Ora veja lá a senhora! E a D. Dorothea a affligir-se, a chorar, a dizer mal da sua vida, esperando aliaz tão pouco d'ella!...

Pois é verdade, minha boa senhora, o mundo não acabou. Não estamos em anno de fartura, como dizia o Antonio Ignacio Mogango. Essa sorte não tinhamos nós — morreremos todos a dezoito, esbarrando n'um cometa a nove, quarenta e oito horas antes do dia 20, o dia da renda da casa. Não se benza nem me chame nomes, que é assim mesmo. Sim, minha senhora, é como lhe digo. Eu, entre o cometa de Haley e o meu senhorio, não hesitaria. Preferiria o cometa embora tivesse de rebentar com todo o gaz da sua cauda de milhões de kilometros. Morria? Teria feito trinta annos, como diz o outro. Aquillo era um momento. Pode erer que não tornava a morrer para o semestre. Assim, poupado pelo cometa, vou ficar amanhã aterrado com a apparição do senhorio. E ai de mim se lhe não largar no nucleo quarenta e cinco mil réis. No caso de lh'os largar — o melhor dos casos — pouco tempo respirarei. O cometa de Haley só volta d'aqui a sessenta annos. Pois o senhorio no dia 20 de novembro não falha. E ou eu lhe pago e elle segue na sua derrota ao encontro d'outro planeta-inquilino ou não lhe pago e elle exerce tal perturbação na atmosphera que os meus pobres tarecos vão parar ao meio da rua.

Ah minha querida senhora, como eu a admiro chorando á ideia de morte aos sessenta e cinco annos! Que cadeia de felicidades lhe tem sido a vida, D. Dorothea, que suave e doce ella lhe tem corrido para tão bem lhe querer! Louvado seja o Senhor! E' a minha boa amiga um dos raros factos do meu conhecimento que bem alto afirma que a vida é bella. Deus lh'a conserve na santa paz em que ella lhe tem corrido, com arvores verdes em frente da janella, trepadeiras cobrindo as velhas paredes da casa, as gallinhas na capoeira, o gato no cesto da costura, o sr. reitor para o chá e a bisca, os seus terços, os seus boisões de marmelada!...

Sim, sim, eu comprehendo que a D. Dorothea ame a vida. Pois se a minha querida amiga a aprecia só pelos aspectos, que são realmente bellos! Faz-me lembrar, minha senhora, estas pequenas dodivanas que julgam o namorado o melhor dos homens que o sol alumia, porque tem os dentes muito eguaesinhos e o cabello encaracolado. Mas vem depois o casorio e a menina verifica que dentro do esvelto involucro do seu ai Jesus reside um d'estes patifões de marca. E a menina deixa de amar o picaro, desgostosa e desilludida. As mulheres não perdoam nunca as desillusões a quem lh'as promove. Ora a D. Dorothea conserva-se no primeiro estado da pequena dodivanas: namora ainda a vida e namoral-a-ha até á hora da sua morte, que longe venha. Não casou, dispensando-se do triste encargo de aturar um homem que é sempre muito mais feio do que as senhoras o pintam na sua romantica imaginação, não teve filhos, não convive com pessoas de condição social, não lê jornaes, ignora tudo quanto se passa para além dos muros da sua linda granja. Quem não ha de, em taes condições, amar a vida!

Quando penso na sua ultima carta, tenho vontade de a pôr n'um altar, como uma santa. Que me pedia a minha querida D. Dorothea n'essa carta? Esta coisa adoravel: que lhe remetesse como encomenda postal um frasco do remedio que se vende em casa do sr. Mello, na rua Augusta, que é bom para não morrer com os efeitos dos gazes do cometa e custa nove tostões.»

Um remedio bom para não morrer com os efeitos dos gazes do cometa! Minha boa, minha santa, minha adoravel amiga! Que feliz a senhora é! Que incomparavel ventura a sua acreditando na efficacia d'essa panacea!

E eu não lhe mandei o remedio, D. Dorothea, porque sou sufficientemente desgraçado para não acreditar em tão despejada intrujice. Veja lá que differença existe entre nós. Eu vou jurar que a senhora ainda n'este momento acredita n'ella, e ahi, com os seus botões, me increpa de má lingua. A senhora ainda não acredita que tal remedio é uma intrujice. Eu nem por sombras duvido. Concluamos d'aqui, muito logicamente, que a mesma bondade que a leva a repellar a ideia da intrujice a impediria de commetter a mesma intrujice, e que a minha convicção — ai de mim, bem radicada! — de que se trata de uma grosseira mystificação me torna apto a comel-a ou outra peor!...

Deus me perdõe, Deus me perdõe a má acção que acabo de commetter, convencendo-a porventura, de que além dos muros da quinta de Fermentellos é possivel a existencia de alguém capaz de enganar o proximo para lhe apanhar nove tostões. Quem me diz que eu não fui, com esta imprudencia, lançar na sua candida alma o germen da duvida, que é a maior das desgraças?

Oh D. Dorothea, pelas cinco chagas de Christo não acredite no que lhe acabo de dizer. Tudo leva a crer que o remedio do homem dos nove tostões é bom, minha senhora, mesmo muito bom. Se não fosse é claro que o homem não o annunciava. Está visto. E depois — veja até onde chega a minha maldade! — como posso eu duvidar d'elle se não o experimentei, se não houve mesmo necessidade de o experimentar, porque o cometa foi espanear a cauda para outro sitio?

Perdõe-me. Pelas alminhas que lá tem, perdõe-me. E ame a vida, minha senhora. Ame-a muito. Mas ahi, no seu cantinho, entre as suas roseiras e os seus canarios, louvando a Deus, fazendo festas ao seu gato, jogando com o sr. reitor, pondo ao sol os seus boisões de marmelada!...

O cometa já se foi. E o que lá vae, lá vae. Não pensemos mais n'isso. Em todo o caso, lembre-se de que lhe poupei nove tostões e que me julgo por isso credor de dois boisões de marmelada.

Beija-lhe as mãos o seu grato amigo

Centenario de Alexandre Herculano



A chegada a Lisboa dos estudantes de Coimbra

PARTIR!

Revolve profundamente os arquivos da memória, trazendo a lume, a animarem-se, a avultarem cada vez mais ao calor da saudade, scenas do passado, que de ha muito julgavamos desaparecidas na voragem em que tudo se perde, na qual o que ha de mais ephemero, como o que de mais duradouro se considera, impellido pela doida vertigem se vão precipitar no abysmo do esquecimento.

Partir! a palavra magica a que me estou referindo, não só vem accordar os ecos da vida inteira, mas, como que por sobrenatural poder, excita a phantasia a pintar-lhe na téla infinda, em toda a opulencia do variegado colorido, quadros que nunca vimos, e no torvelinho de imagens, de impressões, de idéas, chegamo-nos a julgar arrebatados por mão de invisivel fada para mundos desconhecidos.

Da intensa alegria á dôr a mais cruciante, em toda a longa serie, ao correr da gamma do sentimento, não ha nota que não sôe, fibra da alma que não faça vibrar. E, como é na variedade dos seus espectaculos que a natureza se compraz, no pensar, no sentir, no imaginar, não se repetem sensações, variaveis tambem, e ainda em maior escala, de pessoa para pessoa, como todos os demais attributos da individualidade, que nos caracterisam e distinguem.

Para o enclausurado entre as quatro paredes do carcere, que as grades de ferro por onde mal se cõa a luz do dia mais veem entenebrece, a partida, desejado termo do soffrimento, é o aneio de todos os dias, o sonho bemdito de cada hora. Se, porém, a porta da prisão se vae abrir pela ultima vez, como funebre marco a indicar o inicio do caminho do cadafalso, a idéa d'esse partir, tenebrosa como o que mais o é, cahirá tão oppressora sobre o espirito, como as tetricas passagens de uma pagina de Dante. Só escriptor de grande envergadura nos poderá descrever as tempestades, que, no cerebro humano em tão tremenda hypothese se desencaidam; fel-o Victor Hugo e teve de se librar ás cumiadas do genio.

Horroroso é o pensar no que serão essas horas de oratorio, durante as quaes se incita o condemnado a dirigir as derradeiras supplicas a um Deus, que anathematiza o assassinio em nome da lei, como o da encrusilhada; que expressamente prohibiu o matar e que envolve na mesma condemnação o que de mais abjecto tem expectorado a sociedade; os carrascos juizes, os executores e os legisladores.

Nas fastidiosas horas da vida collegial o rapaz que sente o sangue a arder-lhe nas veias e a manifestarem-se-lhe, cada vez com mais vigor, as energias do homem, farto de deparar a toda a hora com o mesmo edificio, as mesmas caras, os mesmos objectos, conta e reconta os dias que faltam para ferias, obstinando-se em não ver no tempo que vã a celeridade, que annos depois bem desejará moderar. E', sobretudo, o momento solemne, em que, acabado o curso, respirará a plenos haustos o ar livre, o escopo dos desejos, um grande passo andado na carreira, a liberdade a que só se dá verdadeiro valor, como a todos os bens, quando d'ella nos vemos privados. Não se pensa, então, na saudade que, mais longe na estrada da vida, nos ha de lembrar, attenuando o carregado dos tons, os sitios em que passámos os annos da mocidade, illusões de outro tempo

que vimos desaparecer como fugitiva nuvem nos horizontes da existencia; planos de futuro, sonhos traçados na areia, que o vento apaga.

A musa coimbrã, que durante seculos tem traduzido os devaneios das endiabradas gerações de estudantes ao desfilar pelas margens do poetico rio, que, tambem como ellas, não pára e vae incessantemente derivando as suas aguas para o mar; musa que reflecte as diversas phases do viver academico como na superficie espelhada o Mondego vae reflectindo as côres do céu; essa musa já fez resoar ao som das guitarras em noite de folia:

«Partir, partir, nunca mais voltar,

«Partir, dizer adeus, e nem p'ra traz olhar?

Não se escrevem, porém, no livro da vida tantas paginas, a traço tão firme e fundo, que o jubilo sentido n'essa esperada hora final, apesar de tanta intensidade, possa de subito desvanecer. E, passados vinte annos, lá volta o curso, vindos alguns de longes terras, em piedosa romagem aos sitios queridos, commemorar sabbatinas e serenatas, pretendendo aquecer-se ainda ao calor do que n'outras eras sentiram.

Aquellas nymphas, celebradas pelo grande épico nos seus carmes de sublime inspiração, como nunca aos accordes de extranha lyra com mais sentimento jámais se cantou; esse luar que não torna felizes só as aideias da nossa terra banhadas com a sua luz, nem desdenha de prodigalizar caricias á cabra, já lendario sino annunciador de aulas para o dia seguinte; o choupal, que se alinhna para dar passagem ás aguas, recebidas entre as suas alas compactas, creando-se ao som de cantos de amor sob o benefico influxo do orvalho, inseparavel companheiro das serenatas — desentranhe se, embora, a natureza em sorrisos como n'outros tempos, que nem o ardor dos vinte annos, nem todos os festejados trovadores do antigo curso, os podem já celebrar. Os esguios cyprestes hão de fatalmente projectar a sua negra sombra sobre o quadro o mais risonho.

Quem por experiencia propria, ou pelo estudo da alheia, que o mesmo vale, não tenha podido ainda conhecer as modalidades que o verbo — partir — é susceptivel de apresentar em toda a complexidade do seu significado, abeire-se do vapor que vae para longe, prestes a levantar ferro, assaltado por uma verdadeira nuvem de passageiros, ante a multidão de parentes, amigos e curiosos estacada sobre o caes, movendo-se n'um borborinho constante.

Ouve-se o signal de partida, d'alli a pouco começa a faina, ala-se a pesada corrente, range o costado, sente-se o attrito da ponte sobre a calçada, e os navios saúdam e a musica lançando as suas notas pelo espaço mais vem concorrer para a solemidade do momento. Boa viagem! exclamam todos os assistentes, agitam-se lenços e chapéus, invade a commoção até os que por mera curiosidade vão presenciar o acto pelo que vêm em torno de si e as imaginadas scenas lancinantes que já se deveriam ter dado.

Todos os que deixaram em terra o coração preso por quaesquer vinculos, apinham-se, apertam-se contra a borda para não perderem de vista, nem por um momento, os entes que lhes são caros e o pensamento paira-lhes sem cessar dos presentes para os ausentes, que, ou em terra distante não lhes foi possivel realizar o desejo de virem dar o abraço de despedida aos seus, ou que não de-sejando apresentar em publico o effeito produzido pelas agruras do doloroso transe, não tiveram coragem de apparecer no botafóra.

A bordo, uma faina constante, a tripulação que não tem postos fixos, anda nas suas ultimas arrumações despachando tudo; o vapor em pressão começa a vencer a inercia do pesado machinismo, impulsor sobre os mares do pequeno mundo fluctuante, e o navio vae lenta e magestosamente principiando a descrever a trajectoria. Irá dar ao porto desejado, ou terá de sossobrar, mettido a pique por qualquer outro, ou desfazendo-se de encontro a um rochedo?

E' esta a interrogação, que á largada todos fazem mentalmente,



Centenario de Alexandre Herculano — EM LISBOA — Aspecto do Terreiro do Paço, momentos antes de se organizar o cortejo civico (Clichés de A. C. Lima).



(Cliché de J. Benoliel).

Centenario de Alexandre Herculano — EM LISBOA

O CORTEJO CIVICO PONDO-SE EM MARCHA — Escolas primarias femininas e lyceu Maria Pia

e a que ninguém pôde dar a precisa resposta, desconhecedores, como são todos, do que se acha escripto no livro dos destinos.

Entre tantas contingencias, a que pela nossa triste condição, nos vemos sujeitos na estrada da vida, sobreleva esta, pungentíssima muitas vezes.

Nunca me poderei esquecer da figura marcial do capitão de um paquete, firme e aprumado sobre a ponte, fazendo a continencia militar á bandeira, que se içava para attestar sobre as aguas dos oceanos, para onde se dirigisse, ou para onde quer que a sorte a fôsse levar, a nacionalidade d'essa parcella solta do sólo allemão.

Accentua-se um pouco mais o movimento e os passageiros deslocam-se procurando divisar até á ultima os rostos amigos — é a extrema tentativa de encurtamento da distancia que irá augmentando a perder de vista. São violentamente sacudidos no ar, no ultimo aceno, lenços ensopados em lagrimas, agitam-se de novo os chapéus, atrôam os nossos ouvidos tantas exclamações e d'alli a pouco, na amplidão do Tejo, sob o penacho de fumo, bandeiras soltas ao vento, do vapor, que vae singrando, não mais se distingue que o amplo costado, a ligeira mastreação e a massa negra, a desvanecer-se cada vez mais, dos seus passageiros, onde debalde poderá a vista ansiosa divisar qualquer pessoa querida, tão velozmente de nós arrebatada.

E, pensarmos no que seria ha seculos a nau de viagem, dirigindo-se para a India, ou para o Brasil, em longas singraduras que pareciam eternas, tão mal precavida para arrostar com as furias das inevitaveis procellas, sem amplos paioes para garantirem nos previstos alongamentos da viagem o sustento da tripulação; cheia de gente, de condições tão varias, forçada ao repugnante viver em commum n'esse permanente estendal de miserias, quasi sem soccorros medicos e não raro, de tudo carecendo, sem poder esperar de qualquer parte soccorro algum!

Assim se foram povoando as ilhas adjacentes, a Africa, a India, o Brasil, e a esteira de tanto navio, que se apagou da superficie das aguas, não poderá mais contar que sangue e lagrimas o esforço colonizador nos custou.

LUIZ FELICIANO MENEZES FERREIRA.

ESPERANÇA

Uma doença é muitas vezes para quem a soffre mais uma graça de Deus do que uma infelicidade! Porque succede — e isto vê-se todos os dias — que a pessoa feliz, cheia de tudo, desde a saúde á ultima exigencia, começa a tomar um tédio da vida que a leva ás vezes aos ultimos extremos!

Se a pessoa cheia de tudo, não tiver uma educação esmerada, ou uma instrução sólida, difficilmente sabe ser feliz!

Se é rica, tudo lhe parece pouco, quer mais e mais, por isto e por aquillo. Tudo lhe é devido; os seus merecimentos são ainda superiores a tantas graças recebidas!

Se tem menos appeteece-lhe enthesourar, com uma avidez, uma sêde de ter, de possuir, de guardar, de justar que lhe dá vertigens. Pensa que ha de viver sempre, que lhe pôde faltar e achar, nos outros, os beneficios que em redor de si espalhou!

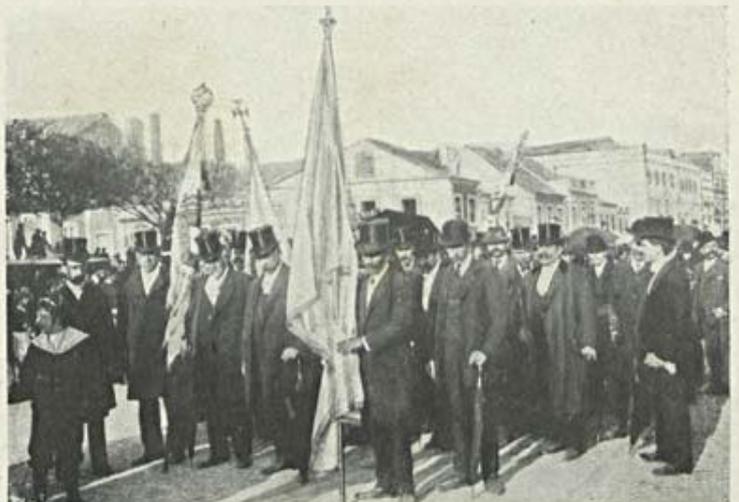
E não raro morre; largando tudo, deixando tudo ignobilmente, sem um raio de sol n'aquella alma, despenhando-se inteiramente na escuridão!...

E o seu nome passa! nem uma lagrima, nem uma saudade aquece a sua recordação!

Até o dinheiro, aquelle dinheiro pavoroso que o amarrou ao cilicio da vida, vae ter ás mãos esbanjadoras de pessoas, que se elle levantasse a cabeça, a esconderia novamente pedindo-lhe que lh'a cobrissem de terra, muita terra, terra escura como a que elle tinha em lugar de coração!

E até a quem tem filhos succede este caso do: não ver! — do não repartir, do não dar!

Esconder tudo; guardar tudo, n'uma ferocidade animalisca, com-



Centenario de Alexandre Herculano

EM LISBOA — O CORTEJO CIVICO — As camaras municipaes

(Cliché de A. C. Lima).



Centenario de Alexandre Herculano — EM LISBOA — O CORTEJO CIVICO
As meninas das escolas officias — Ao centro
o sr. tenente-coronel Waddington, inspector geral das escolas
(Cliché de A. C. Lima).

prehendida apenas pelos proprios filhos do seu sangue — que — com raras excepções, lhe *desejam* a morte!

E' phantastico!

Por isso uma doença vem ás vezes a proposito na vida de quasi toda a gente!

E' um aviso. — E' uma lembrança. E' pensar um bocadinho *no fim!* É lembrar-se uma pessoa de que *isto* não dura sempre. Que tem de preparar a retirada, serenamente, docemente, imperturbavelmente! A morte só assusta os maus! E mesmo esses podiam, pensando n'ella, regenerar-se!

Viver a gente *sempre*, eternamente agarrado ao corpo que se acaba, devia ser medonho!

A intelligencia a extinguir-se e o farrapo da carne a soffrer!

Eu vou varias vezes aos hospitaes e de todas as enfermarias, a que me faz mais pena é a das *velhas!* — decrepitas; algumas de uma decrepitude pavorosa que faz pedir a Deus misericordia para tão longo desterro n'este mundo!

Uma doença lá uma ou outra vez é uma graça de Deus!

Faz ver com attenção as pessoas que nos cercam, dar-lhes valor. Faz comprehender a necessidade de pensar na alma, desdenhando um bocadinho o que é da terra... e na terra fica!...

E quantas vezes depois de uma doença a pessoa rejuvenesce!

Adoecem com o corpo e ressuscitam com a alma!

E a proposito me vem á idéa aquelle lindo livro de Coppée — *La*

bonne souffrance, tão preciosamente traduzido pelo nosso D. João da Camara, esse grande artista, esse precioso coração tão portuguez, tão bom! — Parece-me que ainda o vejo e ouço no dia em que me mostrou a *Dôr bendita*.

— "Traduzi-o a pedido... este livro!...," dizia elle, com aquella voz muito doce, muito mansa...

Parecia quando falava de si pedir ainda perdão de ter tanto valor.

E n'este pequenino artigo que eu dedico aos doentes deixo o conselho de que leiam aquelle livro e pensem um momento no dulcissimo espirito de quem o traduziu!

A previsão do tempo pelos animaes

Um interessante artigo de uma revista ingleza moderna ensina-nos como se podem fazer quasi pela certa previsões do tempo e das suas mudanças por meio da observação dos animaes e especialmente das aves, que parecem possuir um sentido especial para adivinharem as variações atmosfericas.

Eis alguns dos prenuncios fornecidos por esses "barometros alados", e colligidos por uma longa experiencia da vida rural.

Quando os patos bravos dirigem o vôo para o sul a grande altura, deve-se esperar mau tempo e o apparecimento de um numero excessivo de gallos bravos é usualmente seguido de geadas e neve.

Os tordos da Noruega, que vêm hibernar na Inglaterra, reúnem-se em grandes bandos, quando se approxima um inverno rude e o seu vôo é peculiarmente inquieto e errante.

Muitas das nossas aves juntam-se em numerosos bandos quando se approxima a estação invernosa e o seu dispersar indica a proximidade do desgelo. Se durante o tempo de geadas, melros e tordos se conservam a grande distancia nos pastos até tarde, é que está imminente o desgelo.

Durante a estação dos fructos, estas aves não tocam nos morangos e cerejas quando está para chover e afastam-se para os campos, onde procuram o seu alimento.

O apparecimento de gaiotas muito pela terra dentro indica mau tempo, mas quando estas e outras aves marinhas são vistas ao largo no mar, indicio é esse de bom tempo, mas talvez ventoso.

Os corvos são incomparaveis prophetas do tempo. Os seus vôos rapidos, em circulo, constituem invariavelmente aviso seguro de iminentes tempestades de vento e chuva.

Os estorninhos que procuram a companhia dos corvos e parecem preferir-a á das outras aves, procedem do mesmo modo.

Quando os tordos e os melros cantam particularmente alto e



Centenario de Alexandre Herculano — EM LISBOA — O CORTEJO CIVICO PASSANDO NA RUA DIREITA DE BELEN
(Cliché de J. Benolite).
As creanças das escolas officias com as suas bandeiras

por longos periodos, especialmente de manhã, seguem-se usualmente chuvas

Os picaços costumam muitas vezes fazer ouvir o seu grito semelhante a uma risada e os pavões o seu berro hediondo, antes de tempo secco, mas nenhum d'estes indícios merece confiança absoluta.

Quando os pintasilgos cantam nos silvados ou nas folhagens dos jardins, deve-se esperar chuva; quando, porém, cantam empoleirados a grande altura, geralmente isso annuncia bom tempo. Patos e gansos tornam-se particularmente grasnadores e irrequietos quando se avizinha tempo mau.

Os mûchos, especialmente no inverno, conservam-se silenciosos quando está para chover, mas quando o tempo se firma piam excessivamente.

Outros animaes, além das aves, podem fornecer seguras indicações meteorologicas. Os porcos grunhem e manifestam agitação quando estão iminentes chuvas ou ventanias.

O balar dos carneiros annuncia geralmente mau tempo e os pastores dizem que quando estes animaes se mostram brincalhões e marram uns contra os outros é trovoada que se está formando.

A aproximação da chuva torna os cães somnolentos e preguiçosos, ao passo que excita a actividade das toupeiras em escavar a terra.

O apparecimento de muitos vermes da terra é signal de chuva e um excessivo numero de pyrilampos durante a epoca das colheitas prenuncia tempo desfavoravel.

General Silverio Pereira da Silva

O Brasil-Portugal archiva hoje nas suas paginas o retrato de um homem que foi uma gloria da engenharia portugueza, que deixou a mais vasta e mais valiosa folha de serviços, e que soube honrar o nome illustre que herdara e o seu paiz. Não seguiremos passo a passo a sua longa vida e a sua brilhante carreira. Limitamo-nos a alguns traços geraes e factos mais salientes. O distincto engenheiro, que deixa o seu nome vinculado a centenas de trabalhos e projectos de alto valor, nasceu em Leiria em 1828. Era filho de Joaquim Pereira da Silva Fonseca, da casa de Alcobaça, e de D. Maria Luiza Mascarenhas de Athayde, avô de Mousinho de Albuquerque.

Entrou em varios combates em 1848, sendo ferido n'um recontro, e em 53 entrou para o serviço das Obras Publicas, começando desde logo a evidenciar-se. Até 1887 desempenhou varias commissões em Leiria, Coimbra, Aveiro, Guarda, Vizeu, Açores, e n'esse anno foi nomeado vogal addido da junta consultiva de obras publicas e minas. Sempre arredado da politica, abriu um parentese à sua vida de trabalho e estudo, aceitando, em 1890, o lugar de governador civil em Aveiro, mas tres mezes depois exonerava-se d'esse cargo. No anno seguinte era nomeado director das obras publicas de Lisboa. Em 1892, mandado inspecção as obras do porto de abrigo do Funchal e a praia de Espinho, procedeu à vistoria das margens do Mondego, nomeado para a commissão de syndicancia à Companhia Real dos Caminhos de Ferro Por-

tuguezes, classificado inspector de 1.ª classe, collocado como vogal effectivo do conselho superior e inspector de edificios publicos. No anno seguinte foi nomeado inspector de obras hydraulicas e promovido a general de brigada. Em 94 vem-o inspecionando o porto artificial de Ponta Delgada, e em 1896 dirigindo as obras do porto de Lourenço Marques, onde se conservou até 1899; em 97 foi promovido a general de divisão. Em 1900 era inspector geral e vogal do conselho tecnico de obras publicas, de que foi presidente no anno seguinte, e pouco depois vice-presidente do conselho superior de obras publicas. A nomeação de



General Silverio Pereira da Silva

(† 5 de Abril de 1910)

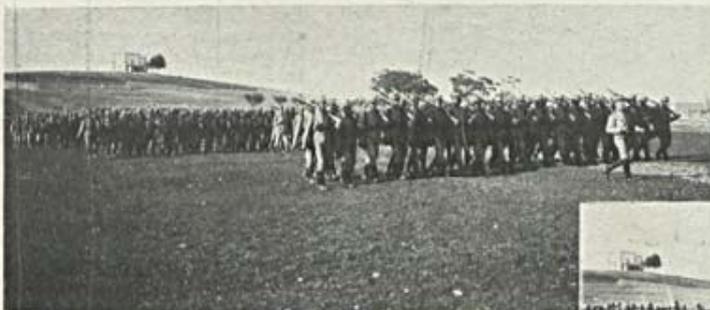
director geral de obras publicas e minas tem a data de 19 de dezembro de 1900.

Não caberia no restricto espaço d'esta Revista a só enumeração dos serviços prestados, das referencias elogiosas de toda a imprensa, das portarias de louvor, das notas interessantes que enchem toda a sua vida de funcionario inigualavel e de estudioso. Como homem publico foi um modelo; como homem da sociedade foi sempre exemplar, pelo seu espirito de justiça, pela sua modestia, pela sua bondade.

Durma em paz o illustre morto.

Assumptos militares

Exercícios da primeira brigada de infantaria no hypodromo de Belem



A brigada marchando em continencia

A 1.ª brigada de infantaria, composta do batalhão de caçadores n.º 2 e dos regimentos de infantaria n.º 1 e 2, formando um total de 1.600 homens, teve exercicios de tactica abstracta e applicada no dia 4 d'este mez no hypodromo de Belem, aos quaes assistiram El-Rei e o Senhor D. Affonso, o ministro da guerra e varios officiaes.

Todas as manobras foram executadas com uma precisão digna do maior elogio, sendo tambem brilhantissima a marcha em continencia perante o Senhor D. Manuel e Sua Alteza o Principe D. Affonso.



Eduardo VII e Jorge V

Notas biographicas

Eduardo VII, rei da Gran Bretanha e Irlanda e Imperador das Indias, filho do príncipe Alberto de Saxe Coburgo Gotha e da rainha Victoria, nasceu em Londres, no palacio de Buckingham, no dia 9 de Novembro de 1841. Contava pois 69 annos de idade.

O fallecido monarcha usava tambem os titulos de duque de Saxe, príncipe de Saxe Coburgo Gotha, duque de Cornwall e Rothsay, conde de Chester, conde de Carrik e de Dublin, etc.

Em 10 de Março de 1863 casou no castello de Windsor com a princeza Alexandra da Dinamarca, nascendo d'esta união os seguintes filhos:

Alberto Victor, duque de Clarence, fallecido em 1898; Jorge, duque de York, depois duque de Cornwall e até ainda ha pouco príncipe de Galles e actualmente aclamado rei com o nome de Jorge V; a princeza Luiza, casada com o duque de Fife, a princeza Victoria e a princeza Maud, casada com o príncipe Carlos da Dinamarca, hoje rei da Noruega.

O casamento de Eduardo VII com a rainha Alexandra foi um casamento de amor. Muito em segredo começou a amar a gentilissima princeza, depois de se lhe ter deparado o seu retrato nos salões da duqueza de Cambridge. O acaso proporcionou-lhe, no decurso d'uma viagem á Alemanha, occasião de encontrar a princeza, que elle ainda não conhecia pessoalmente. Essa primeira entrevista revestiu um caracter romanesco, que acabou por prender o joven príncipe de Galles. Na vasta nave da cathedral de Warnes, teve Eduardo VII o seu primeiro colloquio amoroso com a princeza Alexandra, e de tal modo essa entrevista foi decisiva para aquelles dois corações, que o príncipe de Galles ao voltar a Inglaterra declarava a sua mãe, a rainha Victoria, estar decidido a unir o seu destino ao da filha do rei da Dinamarca.

O fallecido monarcha começou a viajar muito novo e visitou quasi todos os estados da Europa, a India, o Egypto, o Canadá, a America do Norte etc., tendo durante as suas viagens occasião de se relacionar com tudo quanto de mais distincto havia na politica, na sciencia, na arte e na litteratura.

A Portugal veio tres vezes: a primeira como simples official da marinha ingleza, a segunda como príncipe de Galles e a terceira depois de haver subido ao throno. A segunda visita, em 2 de maio de 1870 — conta um jornal da epoca — foi para felicitar o rei de Portugal pela situação vantajosa que soubera manter no meio das convulsões tremendas que haviam agitado a Europa. Eduardo VII desembarcou trajando o uniforme de *feld-marschal* e na sua comitiva vinham dois officiaes indios fardados á moda do seu paiz, com turbantes negros, sobrecasaca azul, faixa encarnada e amarella, calça branca e bota alta. Vinha tambem um chinês, cujo rabicho lhe chegava aos pés. No dia seguinte, o almirante Seymonds offereceu ao príncipe de Galles e ao rei D. Luiz um banquete a bordo do *Minotauro*; á noite houve recita de gala em S. Carlos e fogo preso no Tejo, e no dia 4 um baile no palacio da Ajuda. Os outros dias foram consagrados a uma parada de 12:000 homens no Terreiro do Paço e á visita que o príncipe de Galles fez ao recolhimento do Bom Sucesso.

Da terceira vez que aqui esteve, Eduardo VII teve uma recepção imponente que está ainda na memoria de todos. As provas de deferencia que logo começou a ter para com o nosso paiz apenas subiu ao throno, a sua vinda a Lisboa e mais tarde a visita da rainha Alexandra que

a cidade acolheu com um carinho que nunca dispensou a nenhum outro soberano, tudo isto fez com que por completo se dissipasse a má impressão do *ultimatum*. Portugal voltou assim a ser o amigo dedicado e o fiel alliado da Inglaterra.

Eduardo VII foi proclamado rei a 24 de janeiro de 1901, isto é, tres dias depois do fallecimento da rainha Victoria. Reinou portanto apenas nove annos, mas durante esse tempo o fallecido monarcha nem um só momento deixou de se consagrar á felicidade do seu paiz e á da humanidade, visto que tantas vezes com a sua prudencia, o seu fino tacto e o seu encanto pessoal, evitou serios conflictos, procedimento este tanto mais para louvar quanto é certo que em muitos d'esses conflictos talvez não fosse a Inglaterra quem levasse a peor. E' que Eduardo VII não queria o seu reinado manchado de sangue e tanto assim que addiu a cerimonia da sua coroação para depois de fundar a guerra com o Transvaal. O fallecido rei recebeu uma educação esmeradissima dentro do seu reino e fóra d'elle a lição admiravel que provém do contacto das civilizações diferentes, dos caracteres mais oppostos, realizando a harmonia das relações e das conveniencias internacionaes.

Encantador no tracto social, era sempre o mesmo, quer falando com os seus eguaes, quer com as mulheres, para as quaes se mostrava em extremo amavel. As chronicas occuparam-se, durante longos annos, da sua vida de rapaz mundano, amigo dos prazeres. Em Paris, a sua personalidade, a despeito da frieza de relações que por muito tempo existiu entre a França e a Inglaterra, era quasi tão sympathica á população d'aquella cidade como á de Londres.

As suas estroinices, as suas aventuras ao jogo, as suas conquistas amorosas, tiveram um ecco extraordinario em todos os jornaes do velho e do novo mundo. Mas, apesar de tudo isto ou talvez mesmo por causa de tudo isto, Eduardo VII foi sempre um bom.

Um dia, em Londres, ao apparear da carruagem (era então já homem), Eduardo VII divisou um pobre cego acompanhado pelo seu cão e que fazia gestos desesperados, não ousando atravessar a rua no meio da torrente incessante de carruagens. O príncipe tomou o pobre homem pelo braço e, agarrando na trela do cachorro, conduziu os dois para o passeio do lado opposto da rua.

Não esperava, é claro, nenhum agradecimento por este pequeno serviço, que, todavia, não passou despercebido. Pouco tempo depois recebia em Malborough House, de um desconhecido, um magnifico tinteiro de prata massiça com as seguintes linhas:

«Ao príncipe de Galles, em recordação de uma das suas boas acções, da parte de alguém que o viu socorrer um cego no redemoinho d'uma via publica».

Mais tarde, repetiu-se esta scenza quando inaugurou uma exposição. Eduardo VII atravessava uma massa compacta de povo que a policia só a custo fazia recuar deante d'elle. Na pressa de se retirar do caminho do rei, um dos assistentes, que fraquejava de uma perna, deixou cair a bengala em que se apoiava. O rei abaixou-se com a maior simplicidade, apanhou a bengala, entregou-a ao pobre coxo e seguiu o seu caminho. Alguns dias depois o rei recebia d'um anónimo uma bengala que trazia gravada a data do encontro e umas palavras de respeitosa gratidão.

Como rei, esta bondade de que sempre deu provas emquanto prin-

cipe de Galles, manteve-se e accentuou-se como claramente se está demonstrando pelas elogiosas referencias que d'elle fazem os jornaes de todas as nações da Europa, da America e da Asia. A aproximação da Inglaterra com a França, com a Russia, com a Italia, com a Hespanha e com o nosso paiz, são factos que passam á historia dando a Eduardo VII o cognome de — *Rei da paz*.

Como homem elegante, as suas innovações foram acatadas e imitadas no estrangeiro. No mundo civilisado, que veste pelos figurinos, impoz o chapéu branco de verão, de abas largas, e todas as ultimas modificações soffridas pelo chapéu alto são mera copia dos seus caprichos. Creou o *smoking*, foi do seu gosto que a moda recolheu o uso das meias vermelhas e o habito tão vulgarisado de dobrar as calças sobre as bo-



Jorge V

Actual rei da Grã-Bretanha e Irlanda e Imperador das Indias

tas. Nas suas residencias de Buckingham, Windsor e Sandringham, Eduardo VII tinha sempre duzentos trajos completos. Com todo o seu luxo, porém, Eduardo VII nunca attingiu a elegancia dissipadora, o fausto exorbitante do seu tio-avô Jorge IV.

Jorge V, o novo rei da Inglaterra, chama se Jorge Frederico Ernesto Alberto e nasceu em Malborough House a 3 de junho de 1865, dezese-



Victoria Maria

Actual rainha da Inglaterra

mezes depois do nascimento do primogenito, o duque de Clarence, ultimo principe que usou aquelle titulo. O principe de Galles, além d'este titulo, usava os de duque de Cornwall, de York e de Rothsay, de conde de Chester, de Carrik e de Inverness, de bairão de Renfrew e de Kilarney, senhor das ilhas e grão-mestre da Escocia. E' doutor em direito honorario da Universidade de Londres, membro da camara dos pares, general, almirante, etc.

Entrou como cadete na marinha de guerra em 1877, fazendo uma longa viagem de instrução no couraçado *Britannia*. Tempos depois realisava uma viagem á volta do mundo do bordo do navio de guerra *Bacchante*. Em 1883 embarcou no couraçado *Canadá* como guarda-marinha, sendo promovido a tenente em 1885.

Em 1890 foi nomeado commandante da canhoneira *Trusk*, partindo para as Indias occidentaes. Foi n'essa occasião que inaugurou solememente a exposição industrial de Jamaica. N'esse mesmo anno, no seu regresso, fez uma viagem á Irlanda, onde adoeceu gravemente. Fez, depois, uma triumphal viagem por toda a India ingleza.

Em 1892, por morte do duque de Clarence, foi elevado a herdeiro do throno, tomando, n'essa qualidade, assento na camara dos lords.

Casou a 6 de julho de 1893, na capella real de Saint-James, em Londres, com Victoria Maria, princeza de Teck, filha do duque de Wurtemberg. Tem seis filhos,—o principe Eduardo, de dezeseis annos; o principe Alberto, de quinze annos; a princeza Victoria Alexandra, de treze; o principe Henrique, de dez; o principe Jorge, de nove; e o principe João, de quatro annos.

DUAS ALMAS

A Olavo Bilac

Hei-de beber o seu olhar tão brando
para que tudo em mim traduza e diga
que é á luz dos seus olhos clara e amiga
que penso os versos que lhe faço e mando.

E depois de senti-la e de bebel-a
como se bebe o sol d'uma alvorada,
levarei a minh'alma illuminada
pelo infinito Azul da alma d'Ella.

Lisboa.

Mario Salgueiro.

Curiosidades do Alemtejo

O pendão da inquisição de Evora, que por muitos annos esteve guardado n'uma casa particular, existe hoje na bibliotheca publica d'aquella cidade, excepto a haste, em excellente estado de conservação.

E' de damasco encarnado, tendo de cada lado uma especie de medalhão bordado a ouro. N'um estão as armas do Santo Officio; no meio a cruz; á direita, o ramo d'oliveira; á esquerda a espada. No outro, a imagem de S. Pedro de Verona (inquisidor), com a legenda — *Pro sancto munere martyrii palmam mernit obtinere*.

Em 1339 queixaram-se os povos de Beja a el-rei D. Diniz, dizendo: *que os fidalgos e poderosos, quando casavam seus filhos e parentes, rogavam ao alcaide-mór, alvazis, fidalgos e homens bons da terra, com alcaides das aldeias, e com toda esta companhia ião pelos montes pedir carneiros, gallinhas e outras coizas, que lhe não podiam negar em abundancia com vergonha do acompanhamento que levavão.*

Este excessu remediou el-rei mandando que d'alli em diante não houvesse acompanhamentos semelhantes, permitindo só o noivo com um companheiro fosse recolher a voluntaria offerta de seus paizanos.

Na serra de S. Mamede, que fica a 5 kilometros para léste de Portalegre, existe uma caverna de cerca de 24 metros de diametro, onde, segundo resa a tradição, se reuniram os religiosos de todas as ordens monasticas de Portugal, para decidirem o modo porque evitariam a expulsão que os ameaçava.

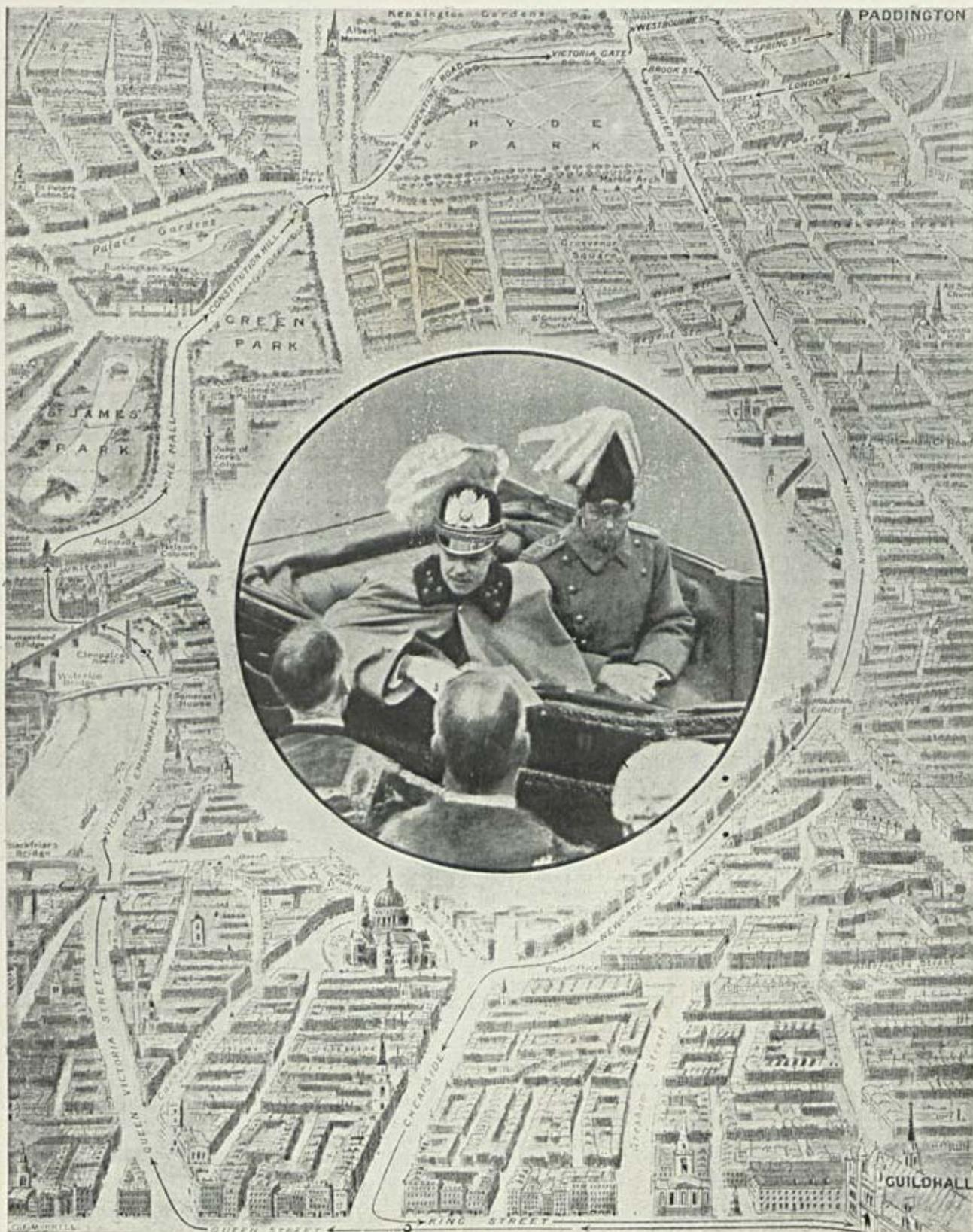
Houve em Evora casa da moeda, ignorando-se, todavia, o sitio em que ella existiu. De diferentes escriptos antigos se depreheende que foi D. Fernando quem primeiro mandou cunhar dinheiro em Evora. D. João I e D. João IV tambem alli mandaram cunhar moeda. D'estes monarchas se conhecem os meios tornezes, os reaes, os tóstões e meio tóstões, cunhados n'aquella cidade.



Os filhos dos actuaes reinantes da Inglaterra

Principes Eduardo, Alberto, Victoria, Jorge e João

Jorge V, o actual rei da Inglaterra, e o Senhor D. Manuel



A nossa gravura indica o caminho que o Senhor D. Manuel seguiu através das ruas de Londres quando da sua primeira viagem ao estrangeiro, desde Paddington ao Guildhall. Ao centro vê-se o actual rei da Inglaterra dando a direita ao rei de Portugal

O mal d'el-rei

Pelas altas salas de gothicas columnas, vagava o rei, tragico e ululante, os olhos incendidos, os longos cabellos revoltos... E os sapatos chapeados percutiam as lages, as vé-las fumarentas punham um clarão sinistro nas faces escandecidas e accendiam reflexos azulados nos mosaicos que forravam as paredes até meio. Corria pelos longos corredores, incansavel como um avarento, fazendo ecoar na soturna solidão da

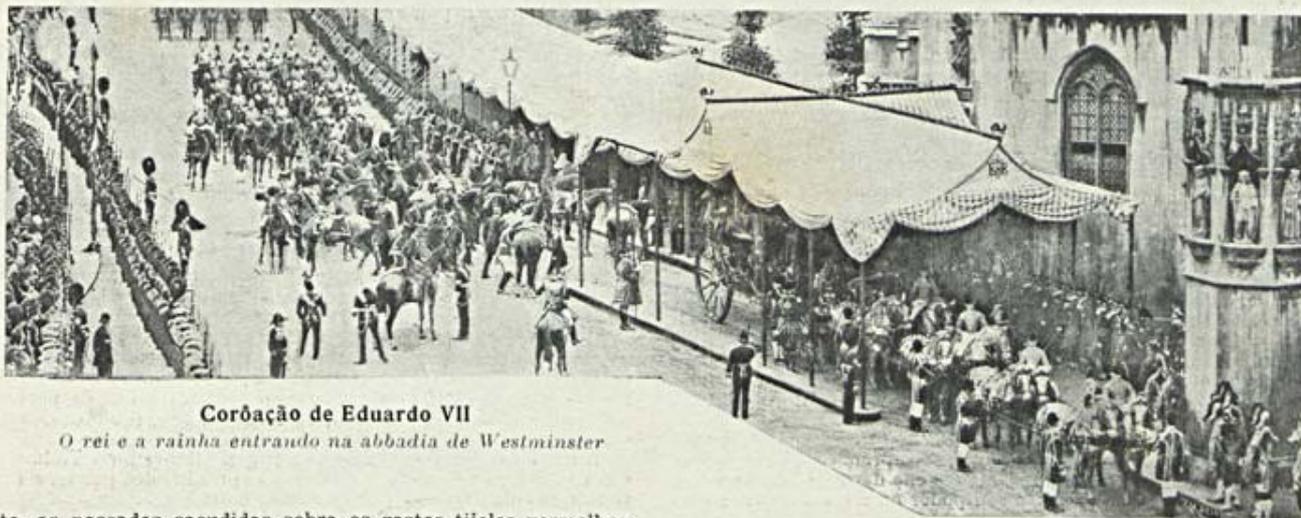
correria de possessão pelos corredores, pelas altas salas, arrancando os pesados reposteiros vermelhos, atirando as grossas portas e pondo em alvoroço a criadagem...

E, extenuado, cahia sobre as lages, até que a solicitude dos pagens o transportava ao seu estreito leito de solteiro, onde adormecia pesadamente, sob um docel azul e bordado, entre cortinados custosos.

— El-rei soffria! — confidenciavam os servos, desabotoando-lhe o pelote golpeado.

— El-rei soffria! — confirmavam os phisicos, com o index entre os olhos scismadores, meio cerrados.

De dia, pallido e arrastando-se a custo, nos olhos uma tristeza



Corção de Eduardo VII

O rei e a rainha entrando na abbdia de Westminster

noite, as passadas sacudidas sobre os gastos tijolos vermelhos, como perseguindo uma sombra, agitando os braços, saltando, rodopiando, gritando... Um insecto que acordava, voejando estonteado em volta da luz, um ruido, o crepitar das vé-las, assustavam-no, fazendo-o cambalear um momento e recommear em seguida a sua

somnambula, da janella em ogiva contemplava a extensão infinita do campo.

Uma brisa suave e fresca corria da montanha, penetrando-o, vivificando-lhe as veias e enfunando o reposteiro da sala. Respirava avidamente aquelle ar reparador, sentindo com volupia os louros cabellos voejar-lhe, e, apoiando as mãos no largo parafeito de cantaria, com duas rosetas nas faces, olhava a extensão...

Quanto divisava, era dominio seu.

A' direita a torre de menagem, velha construcção, cuja origem se perdia nas nebulosas confusas dos seus antepassados; a igreja onde tantos heroes repousavam sob as laconicas inscrições, onde ajoelhados velaram as armas, todos com unção, subindo a Deus, constrictos e devotos.

E á esquerda, o velho palacio, de corpos heterogeneos, necessidades e caprichos dos reis finados, que, com os proventos da quebra da moeda, accrescentavam um novo corpo, mais ogivas e cornijas, a meio uma cruz.

Para além do fosso, obstruido de troncos e folhas sêccas, estendia-se a campina, toda cultivada e verde, o prateado regato fertilizador, lambendo em queixumes as sarças da margem e alagando-a no inverno, quando as chuvas corriam da montanha.

Sobre o céu azul, erguia-se a léste o espectro da montanha, toda loira das folhas queimadas da videira, e ao alto, n'uma sombra espessa, o pinhal escondia as alimárias velozes, que elle d'antes perseguia incansavel por barrancos e precipicios, d'arco prompto e pontaria déstra.



A rainha Alexandra, esposa de Eduardo VII



Eduardo VII, quando tinha 18 annos

No vale, em torno da egrejinha, grupavam-se algumas casas pobres, quasi destelhadas, um burgo de servos da gleba.

E tudo era seu; aquella caça que elle não mantinha, as brutas feras, lutando pela existencia no mais escuro e mais espesso da floresta; a vinha que elle não cultivava e não vindimava; o campo que elle não arroteava, a frescura da sombra sob as oliveiras, ou sob os olmos velhos, o aroma saudavel dos eucalyptos, a passiva mansidão do regato, espalhando fertilidade pelas margens além, o pulular de vidas da natureza, a proliferação incessante do grande ventre da terra-mãe.

Tudo lhe pertencia; aquelle céu azul, aquella paz, aquella natureza revolvendo as entranhas em monstruosos partos, o pacifico rebanho que acampava no vale, sobre que o sol doente estendia a grande sombra protectora do alto castello.

Quando no palacio, o sino tocava a rebate, logo montanha acima, galgavam os mastins do vale,olicitos vigias da vida de seu senhor. E quando elle passava adoravel e magestoso sob a sua magestade loira e sob a sua tristeza forte, a multidão mais o temia que o adorava, suspensa, ansiosa, receando ver turvar-se aquelles olhos azues, serenos como o luar, enrugar-se aquella fronte lisa, e d'aquelles labios vermelhos, d'uma mocidade virgem, brotar uma crueldade...

— El-rei queria! — justificavam logo, offerecendo-se espontaneos ao sacrificio.

Do vale subiam uns éccos metallicos, meio apagados; os espadeiros forjando as armas rebrilhantes, de tempera elastica que haviam de defendê-lo, os ferradores batendo na bigorna os cravos e os freios dos corcéis fogosos, que nas estrebarias relinchavam inquietos, esperando o grito de guerra para carregar á desfilada, resfolegando incansavelmente, ou a trombeta de caça para perseguir o javali, a direito em campo raso, em torvelinhos no bosque, saltando um barranco, torcendo por uma clareira...

O mundo era seu! Quando o sino do burgo reboava, annunciando um nascimento, era um novo vassallo que os escribas incluíam no grosso in-folio do censo, em pergaminho amarelado, de pesada capa de couro, fechada por largas ferragens.

Só para além do azul, se escondia Elle, o sempre invisivel, mas o sempre poderoso, o supremo poder, a suprema sabedoria. Mas representava-o na terra, vinha d'elle e d'elle dependia; Deus ainda apoiava, sobre as suas hostes, o seu poder na terra. Sem elle, Deus só o era no céu.

Mas todo esse poder, que via fatal e inevitavel, todos os dias, da janella em ogiva, da sua camara, ou mais extenso, da torre de menagem, polvilhado de burgos, apriscos dos seus rebanhos; que elle entrevia em phantasticas côres, na cathedra de carvalho, por entre os vitraes da janella em oculo; que se lhe estendia em sonhos, primeiro o palacio opulento, depois a egreja, a montanha, o campo, o burgo, as hostes belicosas de côta e malha, lança e escudo, em ginetes pesados de ferro, a peonagem desprotegida, de chuchos e foices, todo esse poder lhe fatigava a vida, como o muro fronteiro ás grades do carcere a um captivo.

Quando se afoitava á sombra rala d'uma oliveira, ouvia, com preguiça, as vozes dolentes d'um menestrel, vagabundo e magro,

que dizia os amores banaes e felizes d'uma princeza longinqua e pallida; que cantava o repto do cavalleiro arrogante lançando a luva ás sapatolas do rival, enquanto do belveder, a virgem toda branca e loira tremia pelo amante.

A mesma melopéa, os dois pólos eternos da vida, ser rei e ser vassallo, ser amado e ser desdenhado, irritavam no. Os romances alegres faziam-lhe ciúme; os infelizes um accrescimento de dôr ao seu mal estar. Ouvia os sempre com desdem, perturbando-os com o seu fixo olhar, mirando-lhes a magreza e querendo ler nos sulcos da fronte as velhas privações, a solidão da noite pelas estradas, á chuva e aos relampagos, os reis longinuos, as princezas longinuas, a terras e os céus distantes. Oh! Sobretudo as terras distantes!

Emtanto, as arvores da floresta espadanavam em sussurro, corria o rio, e do vale subiam os éccos metallicos das forjas e alguma canção alegre e espontanea...

Um dia um menestrel chegou á ponte levadiça. Fôra soldado das hostes de Pedro o Eremita, vira os alvos turbantes infieis, as mesquitas de minarêtes doirados, os crescentes, as portas polycromicas em ferradura, as formosuras bronzeadas do Oriente.

E o rei, de olhos attentos, debruçando se para o trovador, ouviu os quentes sonhos da Asia, uma grandeza phantastica, sem os servos do burgo, nem a solicitude dos phisicos, toda amolecimentos sensuaes, um harem, toda nudezes mornas e languidas, toda amor, toda sentidos...

O menestrel levou á bôcca o escudo de prata, e ia partir. A dez leguas d'alli, aguardavam-no em seu palacio, uns noivos loiros, poderosos senhores das mais ferteis vinhas e mais aguerridas hostes. Costumava cantar na ante camara, enquanto, ao lado, no leito nupcial, os esposos se apertavam, fundindo os corpos...

O rei ouviu, com os olhos meio-cerrados, na face uma expressão cynica; descreveu aquella noite, toda amor e toda felicidade, os esposos noivando, em fresco linho, e ao lado o cantor embriagando-os d'aquelle Oriente vaporoso e phantastico, de perfumes queimados, leitões de sandalo, manilhas d'oiro, prolongando-lhes, eternizando-lhes o sonho...

A um movimento saccudido, os pagens olharam-no. Tinha as faces contrahidas e os olhos sinistros approximados por uma funda ruga que subia á testa, sob os aneis doirados...

O cantor tremia, apertando o alaúde. Fez um gesto... e os pagens conduziram o trovador, segurando-o, empurrando-o.

D'ahi a momentos a lua subia, etherea e namorada, no burgo reboava o sino, longamente... da janella o rei olhava vagamente o céu, galgando as dez leguas e penetrando na camara nupcial onde noivavam dois esposos loiros, na languidez d'um sonho oriental.

A lua ia subindo, e mais alta banhava de luz a campina... ao luar, dois corvos miravam com appetite um cadaver, suspenso d'uma arvore, bamboleando-se ao vento.

Era o trovador...

(Continúa.)

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



Eduardo VII e D. Manuel II, atravessando o parque de Windsor

Visitantes illustres

O primeiro ministro inglez e o primeiro "lord" do almirantado, em Lisboa



Sir Asquith, primeiro ministro da Inglaterra e a esposa de sir Mac-Keena, primeiro lord do almirantado e ministro da marinha
(Cliché de J. Benoliel).

A bordo do yacht, «Enchanteress» chegaram no dia 2 do corrente a Lisboa, onde apenas se demoraram dois dias, durante os quaes visitaram a cidade, Cintra e Cascaes, o primeiro ministro da Inglaterra, sir Asquith, e o ministro da marinha da mesma nação, sir Mac Keena, sendo este ullimo acompanhado de sua esposa e de sua cunhada.

Este conjuncto dá-nos a impressão de que realmente os illustres viajantes visitaram a nossa capital apenas como simples turistas e na verdade assim se pretendeu fazer acreditar — que, dirigindo-se da Inglaterra para Gibraltar, os dois notaveis estadistas se tinham lembrado de nos tocar no ferrolho, como vulgarmente se diz.

Seria naturalissima esta visita a um paiz bonito, amigo e aliado, se por um lado não occorresse a toda a gente pensar que sir Asquith já teria aproveitado momento em que não occupasse tão elevada posição para com mais demora gosar as bellezas do nosso clima e admirar os nossos monumentos, e se por outro não houvesse constado que o primeiro ministro inglez tinha tido uma larga conferencia com El-Rei, estando presente o sr. ministro dos negocios estrangeiros. D'aqui nasceu o dizer-se que a visita a Lisboa teve por objectivo tratar de assumptos referentes ao casamento do Senhor D. Manuel.

Seria? Não seria? O futuro o dirá — se o disser. O que é positivo é que Lisboa hospedou durante algumas horas um dos mais notaveis, senão o mais notavel, dos politicos inglezes.



Visitantes illustres. — O PRIMEIRO MINISTRO INGLEZ E O PRIMEIRO «LORD» DO ALMIRANTADO EM LISBOA
(Cliché de J. Benoliel). Sir Asquith nos Jeronymos



Visitantes illustres. — O PRIMEIRO MINISTRO INGLEZ E O PRIMEIRO «LORD» DO ALMIRANTADO, EM LISBOA
Sahindo da legação inglesa — A' frente o sr. ministro da Inglaterra, segundo-se sir Mac-Keena, sua esposa, e sir Asquith com a cunhada de sir Mac-Keena
(Cliché de A. C. Lima).



Maurício Bensaude

Dentro de alguns dias estará no Brasil, para onde segue viagem, este distincto barytono portuguez, estrella masculina da companhia Taveira. Publicando aqui o seu retrato, praticamos um acto de justiça, porque uma vida de trabalho, de arte, e muitas vezes de triumpho, como a de Bensaude, é credora de louvores e de homenagens.

ZACCONI

Com o Oswaldo dos Espectros, do grande Ibsen, fechou a série de creações sublimes com que o talento colossal do grande actor italiano convulsionou durante dias, de assombro em assombro, a parte melhor da sociedade de Lisboa. Essa enorme galeria de figuras que aos nossos olhos desfilaram, ora macabras, ora pathologicas, agora amorosas, logo apaixonadas, e arrancadas na maior parte á miseria humana, todas essas creações maravilho-

sas em que Zacconi põe a *griffe* do genio, e que attingem na grande Arte a perfeição maxima, ao mesmo tempo que provocam a admiração e o entusiasmo, irritam a critica, que em vão se cança de procurar um defeito, um senão, um exaggero, um *truc*, na obra portentosa do extraordinario artista. E como a perfeição absoluta deve ser um exclusivo privilegio da divindade, mal se comprehende que as figuras de um humanismo tão moderno, como são todas aquellas a que Zacconi dá nervos, dá alma, dá sangue, e dá vida, não accusam, sendo humanas, um defeito, sequer uma deficiência, na interpretação maravilhosa que a todos nos domina e avassala.

N'um intervalo de nove annos parece terem-se robustecido e ampliado as faculdades de Zacconi, porque nunca vimos como agora, ao lado da grandeza com que elle talha, delinea e executa as suas personagens, a sciencia do detalhe, a arte do pormenor, o poder da observação, attingirem no theatro tantas e tão vastas proporções.

Em resumo, Zacconi é um actor unico, é sem contestação o maior do nosso tempo, e são limitados e escasos todos os louvores que se tributam ao visconde de S. Luiz Braga por ter de novo trazido a Lisboa o artista genial que é uma das glorias authenticas da raça latina.

Foi-lhe consagrada pela empreza do theatro *D. Amelia* a ultima tarde que elle se conservou em Lisboa. Uma d'aquellas festas tão sympathicas e tão intimas, a que varias vezes temos assistido no elegante *foyer* do theatro, estava-lhe reservada, como reservado estava um logar para a lapide commemorativa da sua estada em Lisboa, tanto em 1901 como agora.

Ao lado de outros grandes artistas italianos lá está agora Ermete Zacconi, o maior de todos. E em frente d'essa pedra, no meio dos artistas italianos que rodeavam o mestre, de artistas portuguezes, e dos representantes da imprensa, o visconde de S. Luiz Braga disse em palavras elevadas, repassadas de sentimento, o objectivo d'essa reunião, a inauguração d'essa lapide que ficava perpetuando a memoria e a saudade do nome illustre de Zacconi, que pela segunda vez acabava de honrar o theatro de D. Amelia. Ao descerramento da bandeira que cobria a lapide echoou uma salva de palmas, terminada a qual Zacconi agradeceu commovido mais essa homenagem á arte italiana que elle representava.

Coroadas com applausos as palavras singellas do prodigioso artista, Santos Tavares poz em fóco a obra de arte por elle executada, até hoje, e n'um fino relevo litterario apreciou com elevação e verdade as omnimodas faculdades de Zacconi. E deram remate á festa glorificativa as seguintes palavras, que proferiu em italiano, o nosso collega na direcção do *Brasil-Portugal*, Jayme Victor:

De todos os grandes artistas que temos visto em scena o unico que nos dá a impressão momentanea e funda de que o que temos deante de nós não é a Arte, mas a Vida, a propria Vida, sois vós: Fazeis-nos sofrer, fazeis-nos rir, fazeis-nos pensar. E quando de uma forma tão perfeita a vida se identifica com a arte, attinge a sua expressão maxima o engenho artistico.

Ha nove annos que eu, rendido pelas vossas faculdades potentes, vos levantei, n'um memoravel almoço que vos foi oferecido pela empreza d'este theatro, um brinde cheio de toda a minha admiração e de todo o meu entusiasmo.

Nove annos passados, robustecidas ainda, e se é possivel aperfeiçoadas as vossas incomparaveis faculdades, eis-me aqui, n'esta festa intima, acompanhado dos meus amigos da imprensa, ao lado do empresario benemerito, o visconde de S. Luiz Braga, que mais uma vez honrou perante o mundo, e sobretudo perante o mundo intellectual, esta nossa cidade de Lisboa, fazendo-a applaudir e admirar a vossa arte e o vosso genio; eis-me aqui, commovido, profundamente commovido, em frente d'aquella pedra, na qual, como um monumento de gloria, fica para sempre esculpido o vosso nome; eis-me aqui, a proclamar-vos de novo o artista supremo, e a dizer-vos a unica palavra, cheia de saudade e de esperança, que me sobe do coração aos labios: artista grande, o maior entre os artistas do mundo — *à revererche*.

Quatro livros

No proximo numero nos occuparemos detidamente de quatro livros de valor, recentemente sahidos dos prelos e gentilmente offerecidos pelos seus auctores ao BRASIL-PORTUGAL. São: O PINTOR NUNO GONCALVES, de José de Figueiredo; LISBOA ALEGRE, de Carlos de Moura Cabral; COIMBRA DOUTORA, de Hyppolito Raposo; NOTAS DE UM LISBOETA, de Alvaro Pinheiro Chagas.

O desthronamento da imperatriz Taitú, da Abyssinia



A nossa gravura representa o metropolitano da Abyssinia e a sua cõrte perante a qual o ras Tassuma, general em chefe das tropas do Negus, o ministro da guerra, Ate Gergis, e outros membros do governo actual, juraram cumprir a ultima vontade do defuncto Menelik, excluindo totalmente a imperatriz Taitú de todos os assumptos do imperio.

Menelik, o fallecido negus da Abyssinia, foi um grande politico, um grande guerreiro e um homem de generoso coração, como bem se evidenciou por occasião da guerra com a Italia. A sua gentileza e a sua generosidade para com os prisioneiros italianos, entre os quaes se contava o celebre Fregoli que todos nós conhecemos, bastariam para tornar notavel o seu reinado se outros factos não existissem para o celebrar. A Menelik se devem a actual grandeza e a situação da independência da Abyssinia. Accostumados ao seu espirito liberal, tolerante e progressivo, os grandes do imperio resolveram excluir de todos os actos do governo a imperatriz Taitú em vista do seu espirito reaccionario.

A Menelik succedeu seu neto Jeasson, ainda uma creança.